

Oriovisto Guimarães

O empresário filósofo

Tal é sua capacidade de enxergar as boas oportunidades de negócios, que alguns conhecidos costumam chamá-lo de “Ourovisto”. A brincadeira, longe de qualquer conotação pejorativa, homenageia um homem, Oriovisto Guimarães, cujo espírito empreendedor transformou em um dos principais empresários do Paraná. Para chegar à posição de que goza hoje, entretanto, não trilhou um caminho fácil.

Nascido na cidade de Batatais, no interior de São Paulo, em 12 de agosto de 1945, Oriovisto Guimarães, caçula de oito irmãos, mudou-se ainda pequeno para um sítio em Quiçassinha, localidade próxima à cidade de Bela Vista do Paraíso-PR. O pai, Jerônimo Teodoro Guimarães, também paulista de nascimento, era muito ligado a Luís Carlos Prestes e escondia-se então no interior do Paraná para fugir à perseguição getulista. Levou a esposa mineira, Benedita M. Guimarães, e toda a prole para viver numa casa de pau-a-pique e chão batido.

Suas recordações da infância rural começam com a viagem na carroceria do caminhão de mudanças que levou a família para um curto período de vida no campo. Logo, transferiram-se para a cidade. Depois, mudaram-se para Mandaguari, onde Oriovisto começou a frequentar a escola. As andanças pelo interior incluíram ainda Apucarana.

Foi apenas em 1964 que Oriovisto seguiu rumo à capital, para juntar-se a um irmão que morava na “pensão da Dona Marta”, na praça Santos Andrade. Desembarcou na rodoviária e, sem nunca antes haver pisado em solo curitibano, caminhou diretamente até seu novo endereço. A capital já havia recebido também uma de suas irmãs, que fazia faculdade e morava numa república de estudantes com outras moças.

VIDA DE PROFESSOR

O gosto de Oriovisto pelos estudos começou a desenvolver-se no exemplar Colégio Estadual Nilo Cairo, de Apucarana, onde conta ter conhecido professores excepcionais. Em Curitiba, ao mesmo tempo em que fazia o Científico, dava aulas de preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio. Assim começou sua carreira de professor, com oito alunos que lhe garantiam o sustento na capital.

Logo ingressou na Universidade Federal do Paraná, fazendo de uma só vez dois cursos: Engenharia Civil (que abandonaria após cursar quatro anos) e Economia. Conseguiu um cargo de professor assistente de Matemática e Física no curso Dom Bosco, onde ele próprio havia se preparado para o vestibular. Foi uma época de muitos estudos, porque, além dos dois cursos superiores, via-se obrigado a tirar o máximo de si por receio de que algum aluno lhe levasse um problema que não conseguisse resolver – o que nunca aconteceu. Certa feita, precisou substituir nas aulas de Matemática o próprio diretor do curso. Foi o suficiente para os alunos lhe pedirem que ficasse. O diretor, longe de ofender-se, sentiu-se aliviado por encontrar um substituto à altura para poder dedicar-se mais à administração do curso.

Ainda estudante de Engenharia, Oriovisto envolveu-se em política estudantil. Em tempos de regime militar, sua militância na Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop) lhe rendeu uma semana de cárcere em São Paulo – foi preso no célebre congresso da UNE em Ibiúna-SP, em 1968.

Abandonando a militância estudantil, casou-se em 1969 e dedicou-se à carreira de professor de cursinho pré-vestibular. Sua incursão inicial no mundo empresarial foi a criação de uma plastificadora, que acabou vendendo. O primeiro grande empreendimento de sucesso viria em 1972, com a fundação do Curso Positivo. Juntou-se a mais sete sócios-professores: Renato Ribas Vaz, Cixares Líbero Vargas, Samuel Ramos Lago, Harold Brand, João Pedro Pontes Câmara, Carlos Roberto Carvalho e José Rosa Campos. Os quatro últimos deixaram a sociedade, à qual se juntou depois Hélio Rotenberg (atual diretor da Positivo Informática). O sucesso do cursinho pré-vestibular levou-os a criar a Faculdade Positivo, o Colégio Positivo e o Positivo Júnior. Rubens Formighieri tornou-se sócio do grupo dando o terreno para construção do Positivo Jr.

NOVOS NEGÓCIOS

Das necessidades, foram surgindo novas oportunidades. Começaram a construir computadores para uso dos cursos e da Faculdade Positivo. Logo, estavam vendendo computadores... Decidiram então fundar a Positivo Informática. Para atender as necessidades do curso pré-vestibular, compraram uma pequena impressora cuja função era imprimir as apostilas. Passaram a produzir o próprio material, voltado para os alunos de cursinho, egressos do Ensino Médio (então chamado de “segundo grau”). Com a criação do Colégio Positivo, começaram também a produzir livros próprios. Esse material didático pioneiro buscava a integração das disciplinas e a progressão adequada do aluno em cada série.

Os ótimos resultados fizeram o sucesso ultrapassar os muros das instituições do grupo: várias escolas mostraram-se interessadas em adquirir o material. Assim surgiu a necessidade de criação da Editora Positivo, hoje dirigida por Rubens Formighieri. A Editora é responsável não apenas pela produção do material que compõe o método de ensino Positivo, mas também por sua distribuição e pelo treinamento dos professores que o utilizam. No país todo, passa de um milhão o número de alunos que estudam com o material da Editora Positivo.

Oriovisto ressalta que todos os negócios do grupo que não são ligados diretamente à educação tiveram sua origem na educação. Para atender a demanda nacional, foi preciso ampliar a gráfica que havia começado com aquela pequena impressora. Hoje, apenas cerca de 30% da produção da Posigraf (maior estabelecimento do gênero no país) são destinados ao uso do próprio grupo – o restante atende demandas externas.

A UNIVERSIDADE POSITIVO

A última grande ousadia de Oriovisto foi a realização de um sonho: a criação da Universidade Positivo, hoje modelo de ensino superior no Paraná. Em janeiro de 2008, o então Centro Universitário Positivo (UnicenP), instalado no belíssimo campus do Campo Comprido, recebeu do Ministério da Educação o título de universidade, interrompendo um período de dez anos durante o qual o MEC não concedeu tal título a nenhuma instituição privada. Oriovisto conta que, após o UnicenP receber avaliações altamente positivas de diversas comissões do MEC e cumprir todas as condições para receber o título, faltava o aval do ministro Fernando Haddad. Num encontro em Brasília com o ministro, este lhe disse que não queria ficar marcado no governo petista como um “criador” de universidades privadas. O contra-argumento de Oriovisto foi irretrocável: Haddad ficaria conhecido como o criador do ProUni, revolucionário programa que colocou centenas de milhares de jovens na universidade... utilizando vagas do ensino privado. Se o excelente programa conseguia colocar no ensino superior esse enorme contingente de pessoas que não teriam condições de pagar uma

instituição privada, foi graças à confiança do governo nas faculdades particulares – e, portanto, não haveria nada de mais contraditório que tolher o desenvolvimento dessas instituições. O ministro decidiu então autorizar a concessão do título (e os consequentes privilégios legais daí decorrentes) a duas instituições, uma delas a Universidade Positivo.

Coerente com o espírito de promoção do saber que moveu seu primeiro reitor a criar a Universidade Positivo, vieram dois empreendimentos que mudaram a cena cultural curitibana: o Teatro Positivo (grande auditório), com 2.500 lugares, e o centro de eventos Expo Unimed. O magnífico teatro tem possibilitado a apresentação de grandes eventos internacionais na cidade, o mesmo acontecendo com a Expo Unimed – ambos com agendas ocupadas o ano todo. A exitosa experiência do centro de eventos, aliás, fez o Grupo Positivo associar-se ao grupo J. Malucelli na construção do Expo Renault Barigüi, novo centro de eventos do Parque Barigüi.

Em 2011, Oriovisto passou a presidência executiva do Grupo Positivo para Hélio Rotenberg, ocupando atualmente a presidência do Conselho de Administração do grupo.

O COTIDIANO

De seu único casamento, que durou 12 anos, Oriovisto teve três filhos: Giem (diretor da Posigraf), formado em Administração de empresas com pós-graduação na Universidade de Berkeley (é separado e tem um filho), Sofia, formada em Direito, professora de inglês (casada, mora na Áustria e tem dois filhos), e Lucas (vice-presidente corporativo do Grupo Positivo), engenheiro com mestrado em finanças no MIT (casado, tem dois filhos). Seus cinco netos têm entre dois e 14 anos.

Dos filhos, ele fala com visível orgulho. Enumera algumas das principais conquistas de cada um – por exemplo, o fato de Giem haver conseguido levar para o Grupo Positivo os direitos de publicação do Dicionário Aurélio, do qual, em suas diferentes versões, a Editora já vendeu 8 milhões de exemplares desde 2003.

Atualmente, Oriovisto mora sozinho, e sua casa está entre seus lugares preferidos, embora ressalte que se sente bem em qualquer lugar. Ele mantém um apartamento em Miami, para onde viaja quando quer fugir do frio curitibano. Fiel à máxima “mente sã em corpo são”, faz rotineiramente musculação e caminhadas. E não dispensa um bom vinho, do qual é apreciador, citando os vinhos da Borgonha entre seus prediletos.

Estudar é uma paixão que sempre manteve e cultiva. Aprecia a leitura, especialmente sobre Filosofia, Psicologia, Educação e Economia – mas o mundo dos filósofos o atrai mais. Atualmente, tem se deleitando com a leitura dos franceses Luc Ferry e André Comte-Sponville. No ano passado, debruçou-se sobre a complexa obra de Spinoza e encantou-se com as ideias do pensador holandês sobre a alma humana, defendendo seu estudo obrigatório nas faculdades de Psicologia.

Suas leituras filosóficas não o levaram a adotar uma posição definida ante o tema da religião. Nesse campo, diz: “Admito minha ignorância, o fato de que não sei responder certas perguntas. Estamos cercados de mistério. Os seres humanos tentam evitar a dúvida a todo custo, seja com uma teoria pseudocientífica ou pela fé. Eu não. Admito minha ignorância”. Por isso, cita como de grande sabedoria a máxima socrática: “Só sei que nada sei”. Suas leituras, longe de lhe darem respostas, lhe abrem mais perguntas: “Quanto mais eu

leio, mais fico assombrado com tudo que há para saber. Todos nós somos ignorantes”, ensina o professor. Isso, entretanto, não lhe é motivo de fastio, muito pelo contrário. Ele explica: “Para Spinoza, a sensação de felicidade deriva da passagem de um estágio de menor perfeição para um de maior perfeição. Quando o ser humano amplia sua consciência do mundo, sente-se feliz. Para ser feliz, é preciso estar sempre estudando e aprendendo...”

Oriovisto busca aprender com “os grandes filósofos, estadistas e cientistas, que são o que a humanidade produziu de melhor”. E tem prazer em estudar seus escritos: “Eu bebo dessa fonte. Quando pego um livro, estou conversando com eles”. O conhecimento, acredita, leva a um comportamento ético: “É preciso medir as consequências de todos nossos atos”. Nesse sentido, gosta de citar a frase de Sócrates: “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

O BRASIL

Oriovisto vê com bons olhos os caminhos que o Brasil vem tomando, embora, na sua visão, ainda haja muito que melhorar. Ele acredita que o fato de muitos brasileiros poderem hoje viajar para o Exterior possibilita que os compatriotas tenham uma melhor noção comparativa do nosso país em relação ao chamado Primeiro Mundo. Sua receita para a evolução do Brasil não poderia ser outra: “Para melhorar este país, é preciso melhorar as pessoas. Nosso problema é de educação, de civilização, é uma questão cultural”. Para ele, o brasileiro de hoje é mais consciente quanto aos problemas do país. Depois do governo de Fernando Henrique Cardoso, que classifica como “um divisor de águas”, acredita que o país tem melhorado. “Dilma é uma agradabilíssima surpresa”, avalia. Mas, para o Brasil progredir realmente, ele acredita que é preciso cobrar produtividade do Estado.

Homem que muito sonhou e realizou sonhos, Oriovisto Guimarães (cujo nome deriva de Ariovisto, general suevo que combateu Júlio César), que já escreveu livros didáticos e ligados à educação, ainda espera ler muito. E escrever mais um livro. Dessa vez, sobre a vida.